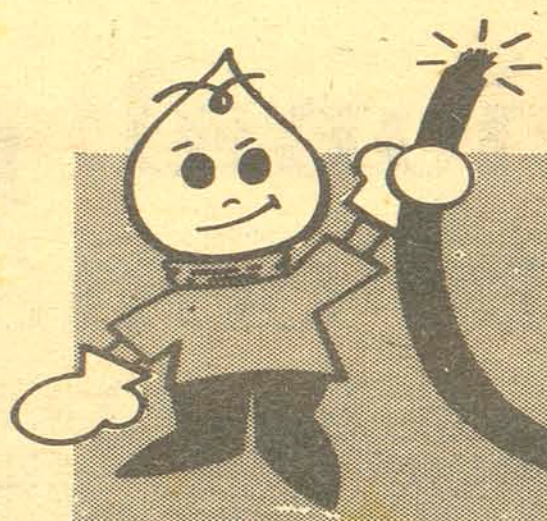




O JORNAL ELETRICITÁRIO

Linhariva

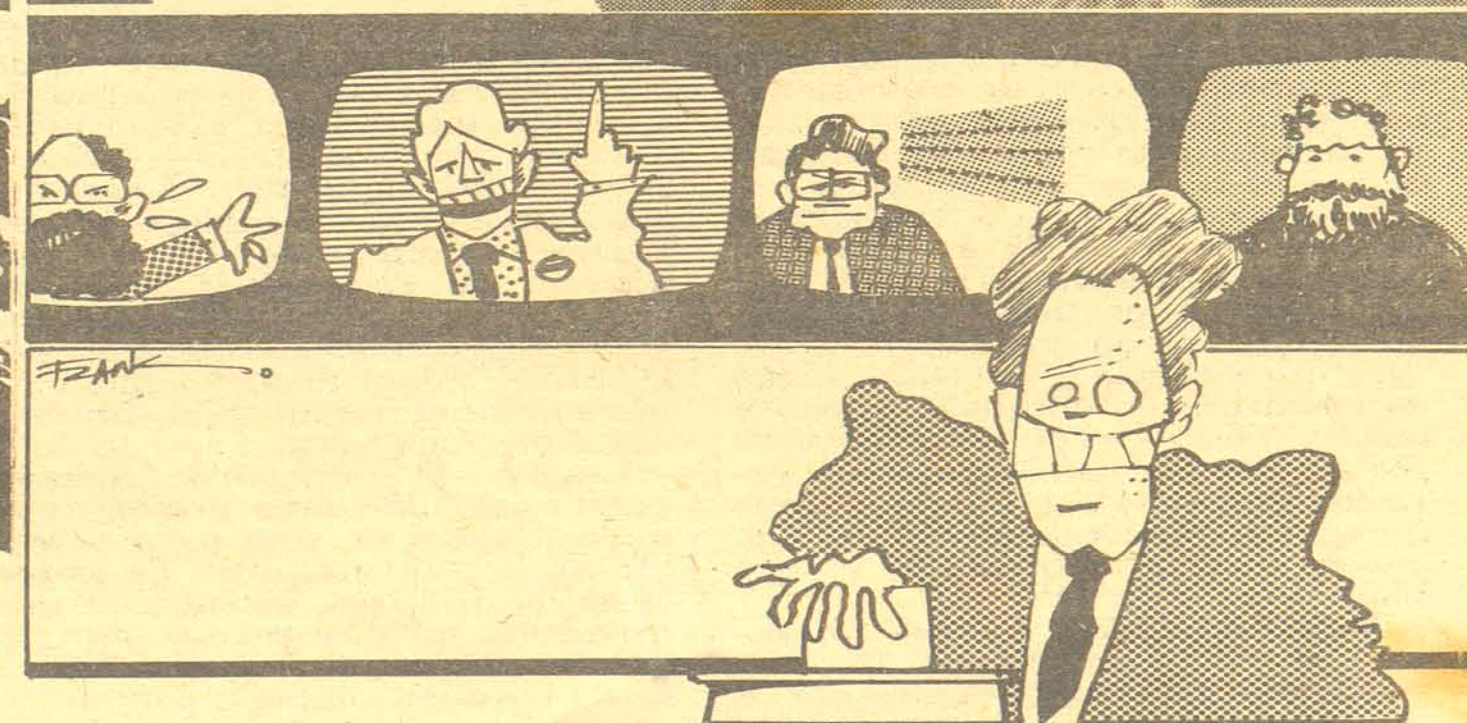
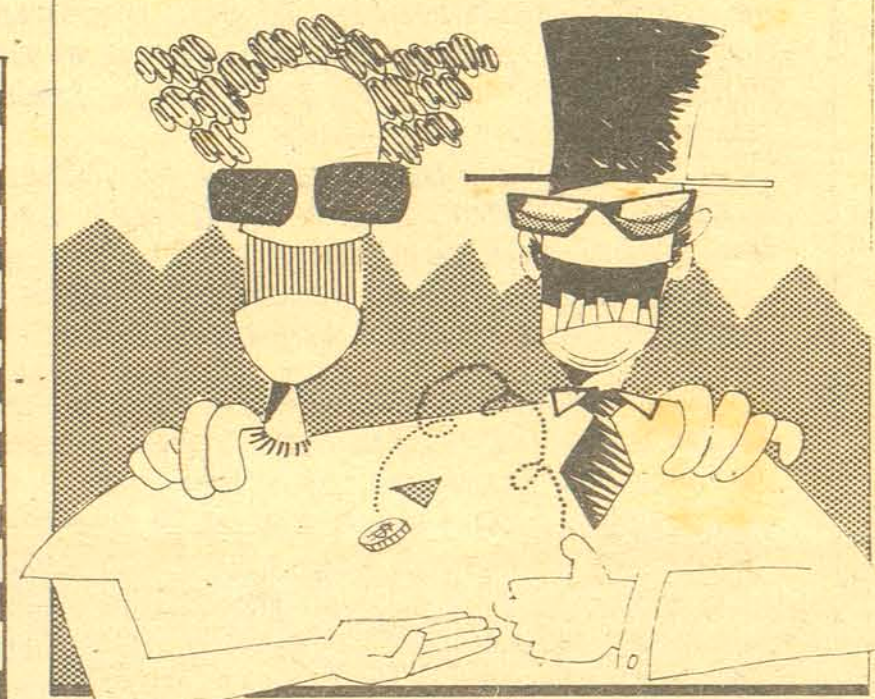
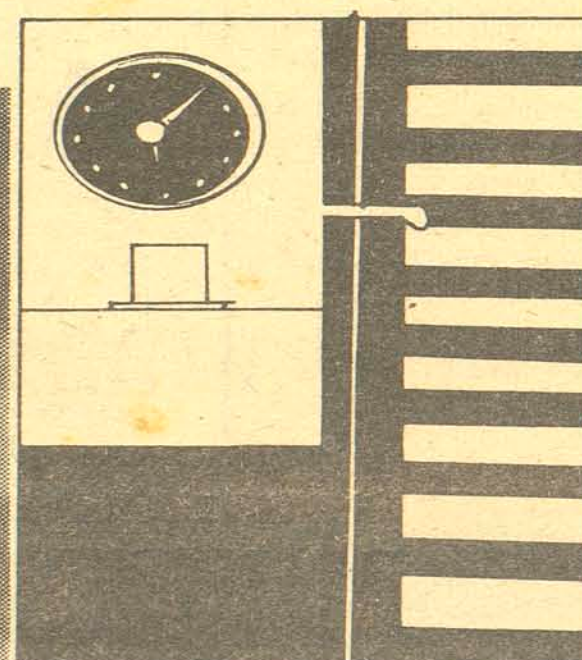
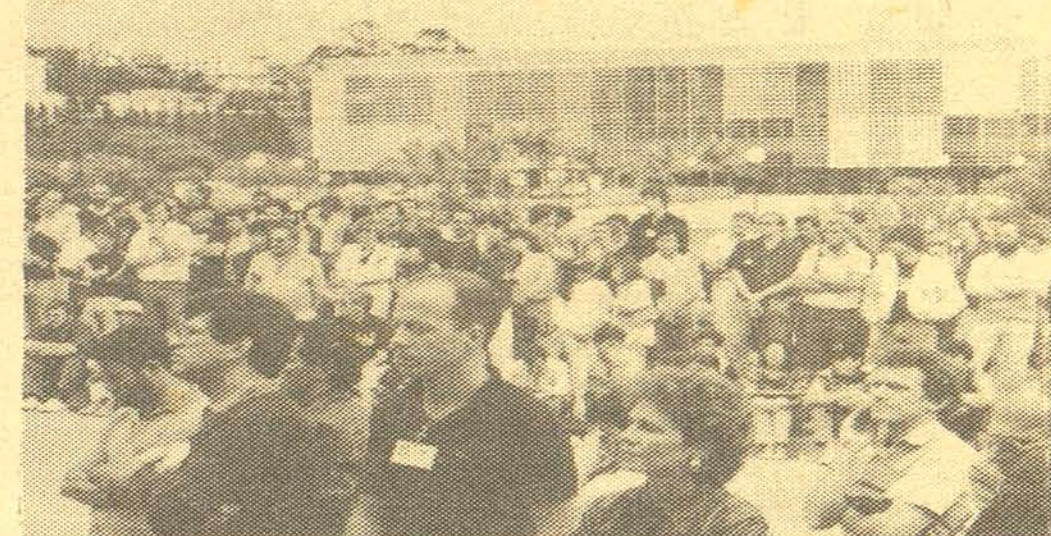
21/12/89

Intersindical Eletricitários SC

JORN. RESP. DRT/RS 6166

Edição Especial Nº 81

REFRATOS 89 PEC TIVA



Onde estivemos nos anos 80?

Ao terminar uma década cabe a todos uma profunda reflexão. Mas não pode ser a reflexão limitada às iniciativas e interesses menores de cada um, como se o mundo fosse restrito às paredes de nossa casa. Mas também não pode ser uma meditação que dê conta apenas das generalidades dos grandes acontecimentos do mundo, de forma a absolver a todos diante do que se poderia chamar de "fenômenos universais".

Ao terminar uma década temos que fazer a reflexão corajosa que nos responda onde estivemos quando dos acontecimentos importantes, e de que forma interferimos sobre eles. Há que se ponderar para que cada um consiga avaliar qual a sua contribuição para que em determinado momento, a história tivesse tomado um ou outro rumo.

Ao terminar uma década, temos que ter consciência de que a cada dia ficam mais reduzidos os espaços para os "espectadores". A modernidade, o desenvolvimento das sociedades no seu sentido social e político e mesmo tecnológico, exige homens capazes de interferir nos rumos da história. Há que se tomar consciência de que o homem transforma o mundo e, assim, transforma a si mesmo em uma dialética inescapável porque as possibilidades humanas são inesgotáveis.

Ao terminar uma década em que houveram profundas transformações políticas no Globo Terrestre, temos que perguntar qual a nossa opinião sobre cada uma destas mudanças. Temos que responder o que a gente tem a ver com isso.

Ao terminar uma década precisamos saber o que cada uma das transformações que a humanidade sofreu, em qualquer sentido, tem a ver com o nosso cotidiano, com o nosso trabalho, com o nosso salário. Só assim veremos que ninguém está isolado e que todos são parte de um processo. A diferença é que alguns tomam consciência disso e tentam interferir nos seus rumos, enquanto outros se submetem cegamente às determinações dos fatos.

Ao terminar uma década é imperativo que entendamos o mundo para entender as nossas angústias, temos que compreender que os homens fazem a história com as suas mãos, coletivamente temos que pensar em crescer juntos e banir a mesquinha, o individualismo e tudo que diminui o Homem. Temos que ter coragem de gritar contra o infortúnio e a opressão, e estender a mão a quem for solidário com seu grito. Porque ao iniciar uma década temos de rejeitar a omissão e pensar, sobretudo, em solidariedade.

Campanha Nacional: processo em permanente construção

Delman Sérgio Ferreira
1º Sec. da CUT Nacional
Vice-pres. SINERGIA - Fpolis

Avaliando os resultados obtidos pelos eletricitários em 1989, podemos afirmar que este foi um ano em que conseguimos pontos significativos na luta permanente na defesa dos salários. Este relativo sucesso, porém, não foi suficiente para impedir a transferência de renda permanente que sofremos via inflação, planos de estabilização e outros mecanismos que asseguram a concentração de renda e usurpação dos salários.

Não medimos a Campanha Nacional dos Eletricitários apenas por resultados conjunturais. Essa seria uma avaliação ilusória, tipo "poeira nos olhos". Avaliamos esta campanha do ponto de vista da conscientização e do

amadurecimento político.

Crescemos e alcançamos um patamar importantíssimo. Conseguimos o reconhecimento e o respeito dos ministérios (principalmente o do Trabalho), da ELETROBRÁS, das empresas e o fator mais importante, a categoria começou a entender a necessidade de uma organização nacional da ampliação de seus próprios limites.

Dado este passo decisivo na direção de uma nova concepção política e sindical, muito nos espera e muito se espera de nós. Há muito o que construir até atingirmos o sentimento de união de todos os trabalhadores numa visão de classe e não de castas.

Mas ainda persistem muitas questões de ordem prática a serem resolvidas:

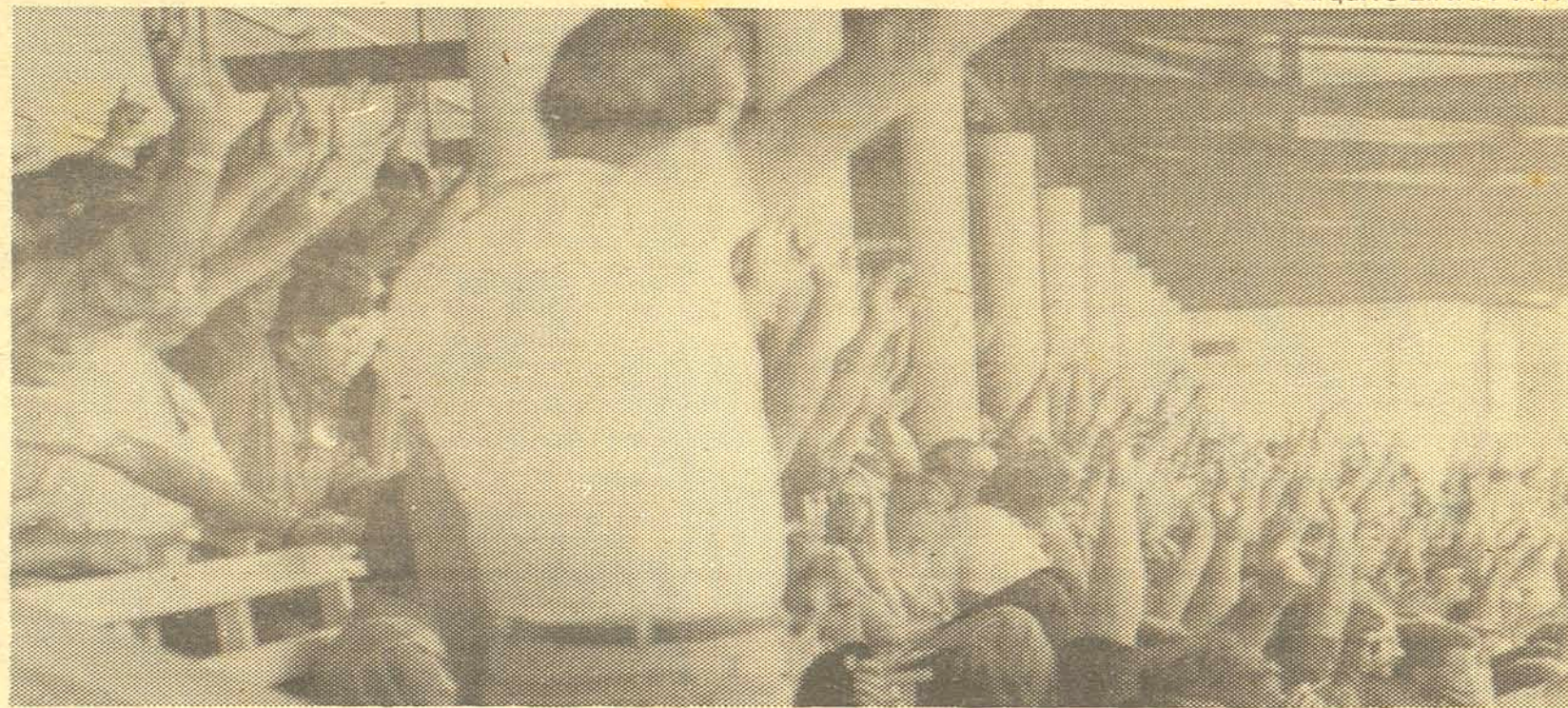
— Envolvimento das empresas estaduais e privadas nas

- campanhas nacionais;
- Calendário de campanha que possibilite o maior envolvimento da categoria nas negociações;
- Aprofundar a discussão sobre o significado das negociações nacionais e das específicas;
- Definir os papéis dos principais agentes das campanhas: CUT, federação, intersindicais, sindicatos, associações e assembleias gerais.
- Aprimorar e intensificar as comunicações nacionais (rede de telex, boletins nacionais, etc.).

Muito ainda há por fazer. Nuvens de chumbo acompanhadas de vento sul pairam sobre nossas cabeças. Como bons navegadores que temos que ser, sabermos perfeitamente seguir na onda e tomar a necessária definição de direção.

Assembleias Estaduais: avanço democrático e organizativo

Arquivo LINHA VIVA



Em Blumenau, uma das maiores assembleias

Estaduais, consolidando-as e tornando-as parte tradicional e corriqueira nos movimen-

tos é uma importante tarefa para os celesquianos no início da década.

Uma das coisas mais importantes que aconteceram em 1989 foi a consolidação das Assembleias Estaduais dos Empregados da CELESC. A implementação deste fórum garantiu um nível superior de organização da categoria, bem como tornou o processo de decisão sobre o andamento das lutas ainda mais democrático.

As Assembleias Estaduais colocam a categoria, enquanto conjunto, no centro das decisões, a partir do que se multiplicam as possibilidades dos movimentos serem coesos. Além disso, a troca de experiências entre eletricitários de várias regiões, com vistas a um mesmo problema, viabiliza o encontro de soluções mais efetivas para o movimento, ao mesmo tempo que aprofunda o grau de consciência de todos.

Dar continuidade às Assem-

Sindicatos fortaleceram suas estruturas para próximas lutas

Oitenta e nove não foi apenas um ano de muita luta para os sindicatos, foi também um ano de crescimento das entidades, que terminam o ano muito mais fortalecidas. Vejamos alguns avanços em cada sindicato.

Florianópolis — A coisa mais importante em 89 foi a elaboração de um novo estatuto, orientado pela ampliação da participação da categoria na vida da entidade. O novo estatuto garante a democratização da estrutura da entidade e aponta para a construção de um sindicalismo autônomo e não cooperativo. Para 90, a grande expectativa é uma nova sede para o SINERGIA, que supere o sério problema de espaço físico da sede atual.

Vale do Itajaí — A eleição da nova diretoria foi um dos principais fatos do ano no Sindicato do Vale. E não é para menos, pois mesmo com

uma única chapa concorrendo, 75% dos associados compareceram às urnas, e 92% dos eleitores votaram favoravelmente a chapa. Mas do ponto de vista material também houve avanços: foi adquirida a subsele de Itajaí (que deve ser inaugurada em janeiro), foi comprado o terreno para a futura sede da entidade em Blumenau, no bairro Ponte Salto, nas proximidades das novas instalações da CELESC. Além disso foi instalado um microcomputador que também funciona como telex.

Lages — O Sindicato de Lages adquiriu em 1989 uma gráfica, uma aparelhagem de som para assembleias e uma máquina de xerox. Mais do que isso, estruturou uma assessoria jurídica permanente que tem beneficiado a categoria. Tudo isso foi feito em conjunto com outras entidades que estão abrigadas na

Casa do Trabalhador, onde funcionam vários sindicatos.

Tubarão — O Sindicato de Tubarão, que atende o sul do estado, teve o ano marcado por muitas mobilizações e pela posse de uma nova diretoria. Desde 23 de junho o sindicato é dirigido por uma equipe de trabalho que foi eleita como chapa única. Mas as reivindicações da produtividade de 84 e da URP de fevereiro para o pessoal da ELETROSUL acabaram sendo a causa das principais movimentações, inclusive com paralisações e estado de greve.

Norte do Estado — "O mais importante no Norte foi o fato da categoria dizer presente sempre que foi chamada, respaldando a entidade e garantindo as conquistas para todos", assegurou o presidente daquele sindicato.

LINHA VIVA estadual é conquista da categoria

Desde junho de 89, o LINHA VIVA passou a ser um órgão da Intersindical dos Eletricitários de Santa Catarina. Este, sem dúvida, foi um dos passos mais importantes dados em 89 no sentido da unificação da categoria. Semanalmente 7.500 eletricitários recebem o seu jornal, falando de suas lutas e de questões que dizem respeito a todos os trabalhadores.

Um jornal estadual é um agente organizador da categoria, ao mesmo tempo que informa e conscientiza. Nenhuma categoria consegue ir à luta se não estiver informada.

Mas o LINHA VIVA ainda tem limitações que devem ser superadas. É importante que se passe a tratar de questões mais amplas do que as lutas específicas. O desafio é transformar o LV em um veículo de comunicação que também retrate aquilo que a grande imprensa se nega a mostrar, questionando valores e opiniões.

Além disso, o LV ainda se resente de maior participação da categoria na sua elaboração. São poucas as sugestões que chegam, bem como as contribuições.

Um ano de muita luta. E outras virão

Arquivo LINHA VIVA



CELESC jogou duro, mas a mobilização venceu em maio

Os celesquianos iniciaram 89 ouvindo a Empresa anunciar que recorrerá das principais conquistas do dissídio, após a publicação do acórdão. Em poucos meses acumularam as questões pendentes: produtividade 84, URP de fevereiro, produtividade 88, gratificação de férias, horas extras e gratificação de acordo. Em abril, os empregados reivindicaram 89,20% de antecipação salarial. Norgert não respondeu nenhuma das pendências e acenou com 25% sobre os salários de janeiro, o que em abril corres-

pondia a 1,45%.

Chega maio e os empregados não aguentam mais o descaso com que são tratadas as questões trabalhistas e o constante desrespeito à lei, dissídios e acordos, deflagram a Campanha de Mobilização pela Garantia dos Direitos dos Empregados da CELESC, através do jornal Luta Urbanitária. A partir do dia 22, acontecem assembleias por todo estado, preparando a assembleia estadual de Blumenau.

A Intersindical dá um novo prazo para Norgert

apresentar uma proposta sobre todas as questões pendentes e sobre a reposição salarial. A proposta da Empresa é rejeitada nas assembleias por região e na assembleia estadual de Blumenau. A Campanha Extraordinária termina numa nova assembleia estadual, em Florianópolis, diante dos novos índices de reposição salarial oferecidos pela empresa. Mas, continua a luta dos celesquianos para instalar definitivamente a dignidade e a transparência na administração da CELESC.

Irregularidades formaram dossiê

O ano de 89 foi escolhido pelos celesquianos como o ano da dignidade. O ano em que foram denunciadas todas as irregularidades que têm ocorrido na CELESC. E foram tantas, que foi possível montar um dossiê com mais de 100 páginas. Vale a pena ver de novo algumas delas:

- Empresa de Norgert Wiest (SETENGE) presta serviço à CELESC.
- CELESC lucra acima da inflação (73,10% de faturamento líquido) e arrocha salários (-6,30%).
- CELESC doa terreno para construção do hipermercado Angeloni em Capoeiras.

— Empresa admite no cargo de assessor de apoio regional da Agência de Lages o ex-prefeito de Correa Pinto, Demerval Batista. Uma auditoria feita na sua gestão comprovou inúmeras irregularidades.

— CELESC compra 20 mil luminárias sem concorrência, sem licitação e com o parecer contrário dos técnicos responsáveis.

O dossiê foi entregue em junho ao presidente do Tribunal de Contas do Estado. As auditorias já foram encerradas e o processo se encontra na Assembleia Legislativa para os encaminhamentos necessários. O dossiê foi divulgado para toda sociedade catarinense.

Celesquianos fecham Acordo do tamanho da mobilização

Na Plenária de base do dia 20 de junho, os empregados da CELESC iniciaram a elaboração da pauta de reivindicações da Campanha Salarial de 89/90. Um mês depois, numa nova Plenária de Base, dessa vez em Joinville, era aprovada a versão final da pauta. As 45 cláusulas foram divulgadas num jornal especial em agosto.

Quase um mês após a entrega da pauta à CELESC ocorre a primeira rodada de negociações: a Intersindical compareceu, mas a diretoria da Empresa não. No dia 22 de setembro, já de posse da proposta da CELESC, os empregados realizam uma assembleia es-

tadual em Lages. Vinte e um itens foram aprovados, vinte e quatro foram rejeitados por unanimidade. Como a Empresa não alterou mais sua proposta nas outras negociações, os celesquianos decidiram na assembleia estadual de Florianópolis permanecer em estado de greve até o dia 12 de outubro, quando entrariam em greve caso não ouvesse nenhum avanço.

No dia 5 de outubro, numa negociação na DRT, a CELESC apresentou a proposta que foi aprovada nas assembleias de empregados. Se a CELESC não tentasse alterar a cláusula do auxílio aos excepcionais, o acordo teria sido

assinado no dia 19. Devido a essa tentativa de alteração unilateral, não aceita pela Intersindical, o acordo acabou saindo somente no dia 23 de outubro.

Os empregados conquistaram: IPC integral, um abono pago em rubrica separada para quem em outubro ninguém recebesse menos que 35,95% (IPC), IPC integral também em novembro, dezembro e a partir de janeiro (condicionado à vigência da lei nº 7.788/89 e os reajustes tarifários), 5,04% de produtividade mais 3,38% a partir de março de 90, aumento do auxílio alimentação para NCz\$ 20,19% e ampliação do auxílio creche entre outras cláusulas.

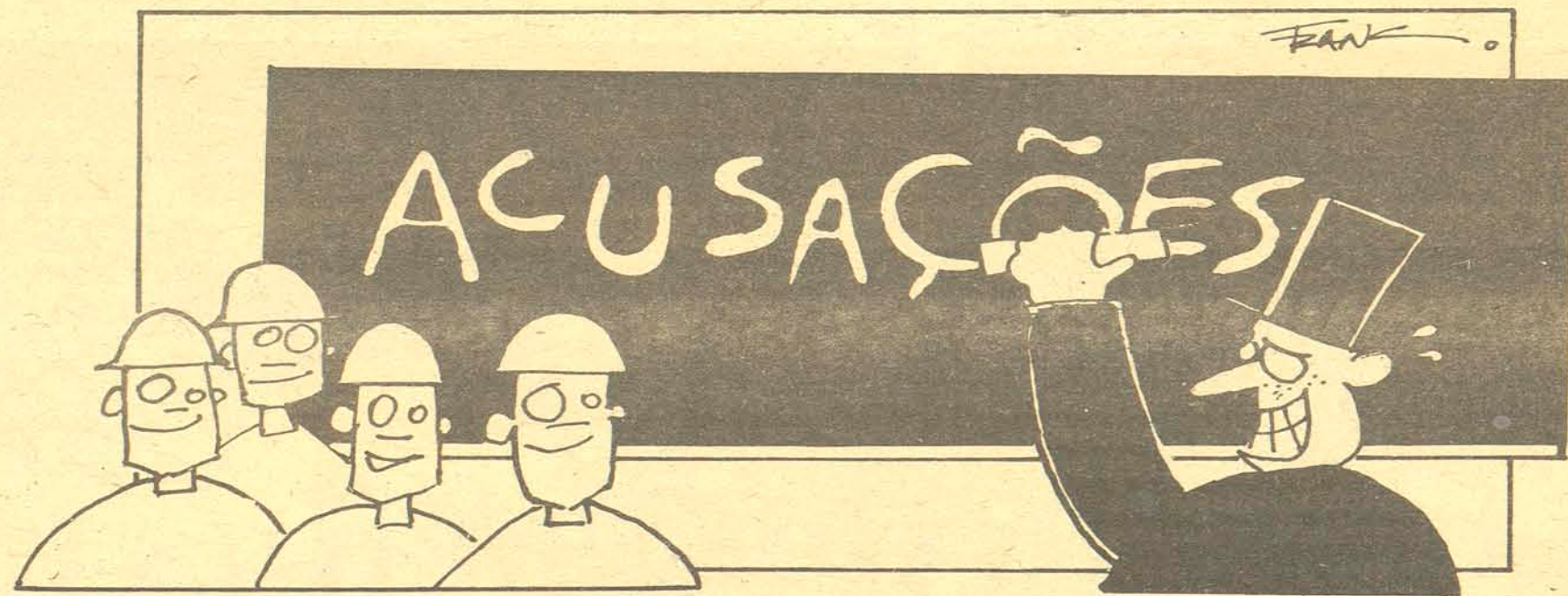
Categoria consegue reverter as punições na ELETROSUL

O ano de 89 começou com sabor de fim de 88 para os empregados da ELETROSUL. Mal eles encerram uma greve de mais de 30 dias e o presidente Paulo Melro já inicia aplicação de severas retaliações. São transferências de setor, perda de função ou cargo, mudança na concessão de férias, demissões e outras tantas irregularidades, descritas num documento entregue pela Intersindical ao presidente no dia 19 de janeiro. Cerca de mais de 70 empregados foram punidos. Todos esses fatos vão contra o compromisso assumido pela Empresa de "não haver nenhum tipo de punição pelo fato do empregado ter participado da greve".

O mês de fevereiro não deixou por menos. Num clima de preparação da greve geral e de defasagem de 75,18%, o sindicato de Florianópolis consegue comprovar a existência do Comando Delta. A essa altura,

Paulo Melro resolve argumentar que as demissões estão sendo provocadas pelas avaliações de desempenho e contenção de despesas. Os empregados aprovam em assembleia um desconto, que vai manter os salários de quem foi suspenso ou demitido por causa da greve. Em abril começam a sair as decisões judiciais relativas aos operadores suspensos ou demitidos: são todas decisões favoráveis à reintegração dos empregados.

Assim que o novo presidente, Fernando Bastos, toma posse, a Intersindical encaminha as principais reivindicações dos empregados. Na relação consta também a anistia dos dias parados durante a greve de dezembro e o fim das retaliações. Em junho, finalmente as punições são zeradas: o Departamento Jurídico da ELETROSUL susta todas as ações que envolviam empregados que participaram da greve e efetiva todos os contratados da área de operação que foram demitidos.



Campanha Nacional garante saldo positivo na ELETROSUL

Desde que os eletricitários consolidaram o Comando Nacional Unificado ficou muito difícil saber quando, exatamente, teve início a Campanha Salarial 89 dos empregados da ELETROSUL. Em maio, o Comando recém-estruturado organizou a Campanha Nacional por Reposição Salarial e Contra as Punições Políticas no Setor Elétrico e não houve descanso até a assinatura do último acordo com a COELCE, no final de novembro. A unificação do movimento foi responsável por esse novo pique de mobilização.

A Campanha Específica foi tocada normalmente com a realização das Plenárias de Base em agosto,

que definiram a pauta de reivindicações. No dia 18 de setembro a pauta foi entregue à ELETROSUL. Paralelamente corria a negociação da pauta nacional com as Empresas do setor elétrico, ELETROBRÁS, Ministra do Trabalho e Minas e Energia.

Na metade de outubro as negociações chegam num impasse: não havia proposta econômica. No dia 26 finalmente os índices aparecem e pegam diversas Empresas em estado de greve por causa da não negociação das pautas específicas. Nos dias 8 e 9 de novembro sai o acordo a nível nacional e as negociações específicas deslançam. Dia 13 sai o acordo da ELETROSUL.

O acordo da ELETROSUL foi, sem dúvida, vitorioso. Resultado de um processo de luta e mobilização, agora unificado e nacional. No campo econômico foi, conquistado o pagamento do IPC integral, ganho real de 2,8%, 4% de produtividade, um abono

em janeiro de 15,7%, salários pagos segundo a política salarial, mais o que exceder a 30% da inflação do mês anterior, e duas parcelas. Também ficou assegurada a garantia no emprego, avançaram as discussões em torno da compatibilização dos salários do Setor Elétrico, e concurso público. Quase todos os empregados contratados foram efetivados.

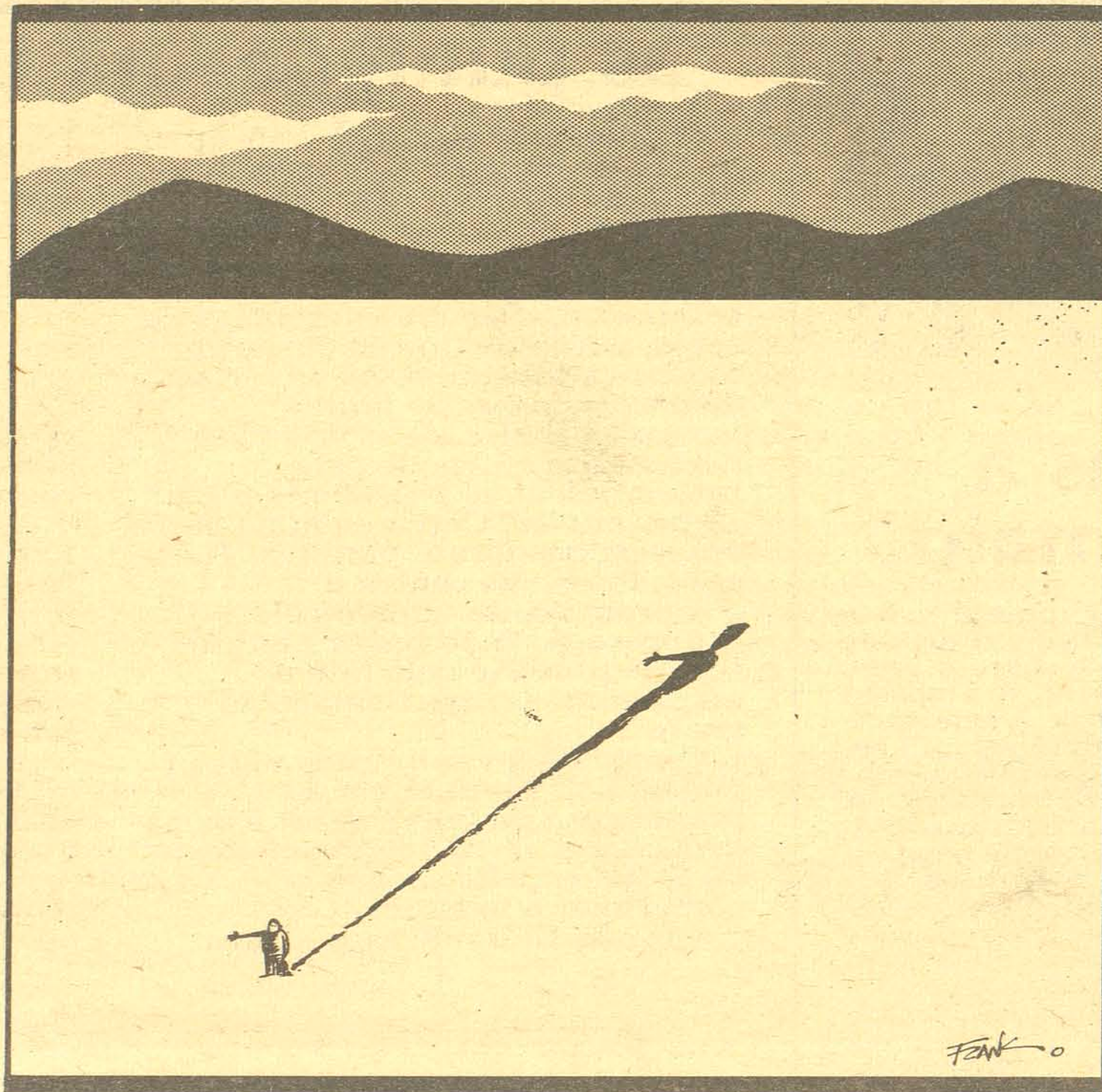
Na “década da transição”, nem sempre trabalhadores venceram

O Brasil termina a década como começou: arrocho salarial, inflação, fome no campo e nas cidades, desemprego, crescimento da dívida externa, etc... Mas, certamente, termina esta década com a classe trabalhadora muito mais organizada, consciente e habilitada para escrever a história do país.

Os anos 80 marcaram o Brasil com a chamada transição “lenta e gradual”, que foi anunciada por um general-Presidente no final dos anos 70. Campanha das Diretas-Já, eleições para governador, Constituinte e eleições presidenciais foram os principais destaques do período.

A transição, no entanto, não foi uma dádiva. Foi uma necessidade de readequar o exercício da dominação em uma sociedade com o movimento popular crescente e contradições econômicas cada vez mais agudas. Por isso, em todo o processo, as elites detentoras do poder sempre tiveram cuidado para manter sob seu controle a transição, assegurando uma **reciclagem de forma, jamais de conteúdo**.

Desde o início da “abertura” houve uma disputa acerca de projetos, que nem sem-



pre ficou clara para a maioria da população. O movimento popular se debateu permanentemente com as forças conservadoras, e na maioria das vezes não conseguiu levar a melhor. Foi assim em diversas eleições para gover-

nos, prefeituras e parlamento, na própria Campanha das Diretas, na Constituinte e, por fim, nas eleições presidenciais.

Brasil Novo
Mais recentemente o pro-

jeto conservador teve que se apresentar com feições mais contemporâneas do que o liberalismo do século passado. Dizendo incorporar a modernidade o neo-liberalismo, se apresentou com cara própria na Constituinte e mesmo nas eleições presidenciais, só que a modernidade só aparece nos discursos, pois o conteúdo é antigo: privatizações, incentivo à livre iniciativa e distância do movimento popular.

Foi com uma proposta mais ou menos assim que os neo-liberais saíram vitoriosos das eleições presidenciais, assegurando a aplicação de um projeto de desenvolvimento para o país, que incorpora as bases desta corrente ideológica.

A eleição de Collor de Mello para a Presidência nos últimos dias da década pode não ser, para os setores mais avançados da sociedade, o desfecho desejado para uma dezena de anos onde se foi para a rua construir a CUT, defender os salários, defender a terra para trabalhar, fazer greves gerais contra o arrocho, etc... É verdade que esta eleição teve um resultado muito mais ao gosto dos que sempre estiveram no poder, pois basta ver o programa de governo do Presidente Eleito

para constatar que “Brasil Novo” não passa de uma frase publicitária, uma vez que todas as receitas são tradicionais e preservadoras dos privilégios dos banqueiros, latifundiários e grandes empresários.

Brasil Escondido

Foi preciso atravessar uma década para revelar um Brasil que sempre existiu, e que sempre foi ocultado. Falamos do Brasil das lutas dos trabalhadores, do sindicalismo combativo, da luta contra a exploração e a miséria. Aquele Brasil que foi para a rua em milhares de greves e mobilizações, que não faziam apenas protestar, mas afirmar uma alternativa popular para sair desta crise. Este Brasil que se ergue como uma espécie de “nova sociedade civil” e que chegou a ter repercussão eleitoral, na disputa do poder político.

Este Brasil que nunca apareceu nas primeiras páginas de jornais ou nos noticiários das grandes redes, pode não ter saído vitorioso no processo de transição, mas depois do embate eleitoral não será mais possível escondê-lo com tanta facilidade, pois este Brasil começa a tomar consciência de si, para definir os rumos de sua própria história.

Luta em defesa das empresas estatais vai esquentar em 90

Para os trabalhadores em empresas estatais, o próximo ano não deve ser um “mar de rosas”. Pelo menos é o que indica o programa de governo do Presidente Eleito, Fernando Collor de Mello. A privatização das estatais é uma espécie de ponto de honra da plataforma, pretendendo com isso “modernizar o Estado” e reduzir os gastos públicos.

Há bastante tempo diversas medidas preparatórias vem sendo tomadas: corte de

investimentos, privatização de serviços via locação de mão-de-obra, etc... A tarefa de Collor, assim, fica sendo a de dar o golpe de misericórdia.

SALÁRIO NA MIRA

Quem, no entanto, não se preocupa com a possibilidade da privatização, vai ter que se preocupar com os salários. Collor foi eleito com a figura de “caçador de marajás” e para manter a imagem vai ter que encontrar um “bode expiatório” para a sua

“boa ação”. E os salários dos empregados das estatais estão muito bem cotados para servir de exemplo da “austeridade” do futuro governo. Em síntese: arrocho à vista.

Isso tudo quer dizer que o próximo ano não vai ser fácil para os trabalhadores das estatais. Vão ser muitas as lutas e muitos os desafios para se vencer. Entre eles está o de defender as empresas que são patrimônio da população e que podem acabar nas mãos ávidas do setor privado, perdendo a sua função social.

“É tão grande o presente, não nos afastemos, vamos de mãos dadas, não nos afastemos...”

Os versos de Carlos Drummond de Andrade dizem tudo aquilo que a Intersindical deseja dizer a cada eletricitário nas vésperas de mais um ano. A solidariedade há de estar presente nos corações e mentes de cada um, como um ingrediente não só dos sonhos, mas do futuro de paz que iremos construir.

Que na nova década estejamos mais unidos, mais fortes.

Intersindical Eletricitários SC